

UMA METODOLOGIA DE TRABALHO DE CAMPO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS DA ESCOLA FUNDAMENTAL

Antonio Marcos Machado de Oliveira

Sérgio Luiz Miranda¹

Laura Reis

Tiago de Deus Silva²

Introdução

Esse trabalho tem por objetivo apresentar uma metodologia do trabalho de campo como atividade pedagógica e discutir sua importância para o estudo do espaço local no ensino de geografia nas séries iniciais da escola fundamental (1.a a 4.a séries), enfatizando os procedimentos metodológicos e as possibilidades de registro e exploração dos dados obtidos no campo através de diferentes linguagens, particularmente as gráficas, cartográficas e fotográficas.

O trabalho trata de uma atividade realizada como parte de um curso de extensão oferecido para os professores da educação básica que atuam profissionalmente nas séries iniciais de ensino fundamental em escolas da rede municipal de ensino de Uberlândia, MG. O curso “Cartografia no ensino de geografia para as séries iniciais: práticas educativas” foi ministrado no período de março a agosto de 2008, no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais – CEMEPE, da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia-MG. O objetivo principal desse curso foi proporcionar aos professores que não possuem formação acadêmica específica em Geografia melhores condições para tratarem dos conhecimentos geográficos e cartográficos na abordagem do espaço local, como conteúdos do ensino previstos nas orientações curriculares atuais.

Diante disso, o trabalho de campo foi proposto como uma das atividades a serem desenvolvidas com os professores durante o curso, pois o mesmo contribui para uma maior compreensão do espaço local, uma vez que permite uma abordagem integrada dos diferentes aspectos geográficos.

O trabalho de campo foi planejado a partir da análise das diretrizes curriculares municipais, as quais norteiam o programa de ensino dos professores, sendo que a partir delas foram destacados alguns temas do estudo do espaço local pertinentes para a execução dessa atividade, a saber: o comércio local, localização dos serviços públicos, relevo, hidrografia, vegetação, problemas ambientais (erosão dos solos, destruição de mata ciliar e do cerrado, deposição do lixo), bem como a transição cidade-campo.

Para a consecução dessa atividade foi escolhido o Bairro Laranjeiras, situado na zona sul de Uberlândia, MG, por se tratar do local onde está localizada uma escola – Sebastiana Pinto - na qual trabalham quatro professoras participantes do curso. Além disso, esse bairro oferecia boas condições para se fazer uma análise dos vários aspectos geográficos que foram selecionados por meio das diretrizes curriculares.

A partir da escolha do local deu-se início às atividades pré-campo que consistia em visita prévia para o reconhecimento da área, elaboração do trajeto do percurso com os respectivos pontos de parada e, ainda, a escolha e a produção do material utilizado durante a atividade.

Durante o trabalho de campo, além das paradas técnicas para explicação e discussão sobre a realidade observada, também se realizou uma recolha de dados para a confecção de um mapa temático do comércio e dos serviços existente no principal eixo comercial – Rua Ângelo Cunha-próximo à escola Sebastiana Pinto, sendo que, os registros foram realizados nos mapas básicos a partir da observação direta.

Na fase do pós-campo, os dados recolhidos foram organizados e agrupados para a elaboração dos mapas temáticos, que fizeram parte do rol de atividades desenvolvidas nessa etapa, que contou ainda com a construção de croquis do perfil do relevo da rede de drenagem e do uso da terra a partir

¹ Docentes do Instituto de Geografia da UFU, coordenadores do curso de extensão e orientadores dos alunos.

² Alunos do curso de licenciatura em Geografia da UFU - Universidade Federal de Uberlândia – MG, Brasil.

de fotografias horizontais. Além disso, foi feita uma análise temporal do cenário local com apoio de fotografias áreas verticais dos aerolevantamentos de 1998 e 2004.

Assim, pode-se desenvolver um trabalho de campo como metodologia de ensino em Geografia com utilização de materiais cartográficos e fotográficos, atendendo ao interesse manifestado pelos professores que participaram do curso por atividades de ensino de geografia empregando esses materiais e que contemplassem a observação direta da paisagem local no estudo do bairro.

2. A importância do trabalho de campo como atividade pedagógica para o estudo do espaço local

Nas séries iniciais é de primordial relevância a compreensão do espaço local, ou seja, o espaço vivenciado que envolve a casa, a escola, a rua, o bairro, a cidade dentre outros, pois, conforme Tomita (1999, p.13) o ensino de Geografia encorpado de um bom cabedal teórico, deve partir do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato, do próximo para o mais distante, tomando assim, como ponto de partida o estudo da realidade próxima ao aluno. Ainda segundo essa autora, o espaço organizado pela sociedade focado na relação homem-natureza pode ser melhor entendido quando há uma participação ativa dos alunos na percepção da realidade que o envolve. E, de acordo com Callai (1998, p.80), “[...] conhecer a realidade vai além de identificar o que existe. Supõe discutir as formas como se expressam, como se apresenta a realidade, entender não apenas o produto, mas, basicamente, os processos que os desencadeiam.[...]”

Portanto, pode-se inferir que um procedimento de fundamental importância para o entendimento do espaço local é a realização do trabalho de campo que traz à luz novos fragmentos da realidade, que está fragmentada, e o seu conhecimento se constrói a partir da reconstrução desses fragmentos, os quais se encontram visualmente materializados, e, ao mesmo tempo, intrínsecos nos elementos e fenômenos da natureza.

O trabalho de campo possibilita uma maior aproximação com a realidade, pois o contato com os fenômenos apresentados no espaço conduz a uma reflexão em busca da essência, pois a mesma permite avistar características físicas e metafísicas obscuras visualmente e intelectualmente numa representação congelada da paisagem, seja ela materializada por mapas, fotos ou imagens aéreas e orbitais. Assim, não só a estrutura física dessas formas representacionais pode ser melhorada, uma vez que novos elementos poderão ser incorporados a elas, mas, sobretudo, seu valor de compreensão da realidade, pois as reflexões darão a elas vivacidade e dinamismo, alterando seu caráter meramente pictórico.

Dessa forma, torna-se essencial que o trabalho de campo seja bem planejado, para que de fato ao longo do seu desenvolvimento possam ser levantadas as questões essenciais para um entendimento além das paisagens visíveis. O bom aproveitamento do trabalho de campo também perpassa pela atitude do professor, que segundo Tomita (1999, p.14) deve motivar e despertar o interesse dos alunos, “[...]discutindo e fazendo perguntas que agucem a curiosidade, de tal forma que eles sintam a importância e a necessidade dessa atividade como complementação da aula teórica [...]”.

Alentejano e Rocha Leão (2006, p.63) também reafirmam que o trabalho de campo deve ser preparado previamente, inclusive estimulando os alunos a problematizar, perguntar e refletir sobre aquilo que observarão. E pode-se acrescentar que é essencial o envolvimento dos alunos antes, durante e após a atividade de campo, pois isso garante que o objetivo seja alcançado.

Outro aspecto importante do trabalho de campo levantado por Tomita (1999, p.13) e Alentejano e Rocha Leão (2006, p.63) é a sua função de integrar os fenômenos sociais e naturais que de fato são indissociáveis na realidade observada. Portanto, uma atividade como essa, com enfoque geográfico, não pode deixar de considerar esse aspecto, afinal, o espaço estudado inclui o palco-meio físico e o ator-homem.

Assim, com base nessa análise sucinta já se pode perceber o quanto o trabalho de campo pode contribuir como atividade pedagógica para o entendimento do espaço local e a partir disso promover aos alunos uma conscientização para futuras tomadas de decisões, ou seja, torná-los cidadãos conscientes para praticar atitudes que possam transformar suas realidades. Também sobre isso, Tomita (1998, p.14) comenta que a atividade de campo “[...] pode influir na modificação de

atitude e formação da personalidade que mais tarde poderá servir para a vida social e profissional [...]”.

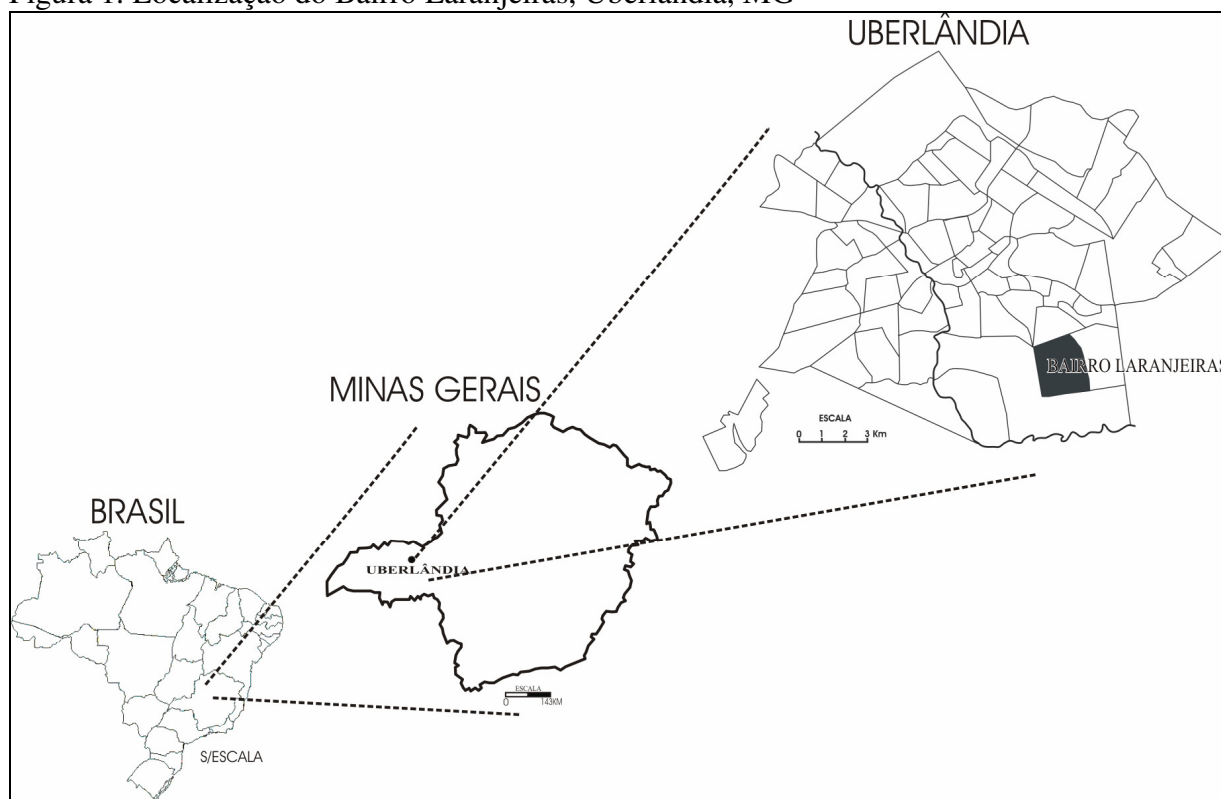
No trabalho de campo apresentado a seguir procurou-se considerar todos esses aspectos levantados acima, objetivando demonstrar sua eficiência como atividade pedagógica para o ensino de geografia a partir do estudo do espaço local.

3. O trabalho de campo como atividade no curso de extensão: o exemplo do bairro Laranjeiras, Uberlândia, MG

3.2. Metodologia e desenvolvimento do trabalho

O trabalho de campo foi planejado a partir da análise das diretrizes curriculares municipais, as quais norteiam o programa de ensino dos professores, sendo que a partir delas foram destacados alguns temas do estudo do espaço local pertinentes para a execução dessa atividade. Para a consecução dessa atividade foi escolhido o Bairro Laranjeiras (figura 1), situado na zona sul de Uberlândia, MG, por se tratar do local onde está localizada uma escola na qual trabalham quatro professoras participantes do curso e, principalmente, por apresentar boas condições para se fazer uma análise dos vários aspectos geográficos tais como: expressivo comércio local; presença de serviços públicos (posto de saúde, posto policial e creche); uma interessante configuração topográfica, onde é possível visualizar desde o vale até o divisor de águas, proximidade com nascentes e resquícios de mata ciliar e cerrado; e ainda, pode-se destacar problemas ambientais como erosão dos solos, destruição de mata ciliar e do cerrado, deposição do lixo, bem como observar a transição cidade-campo.

Figura 1. Localização do Bairro Laranjeiras, Uberlândia, MG



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia. Elaboração: Antonio Marcos Machado de Oliveira

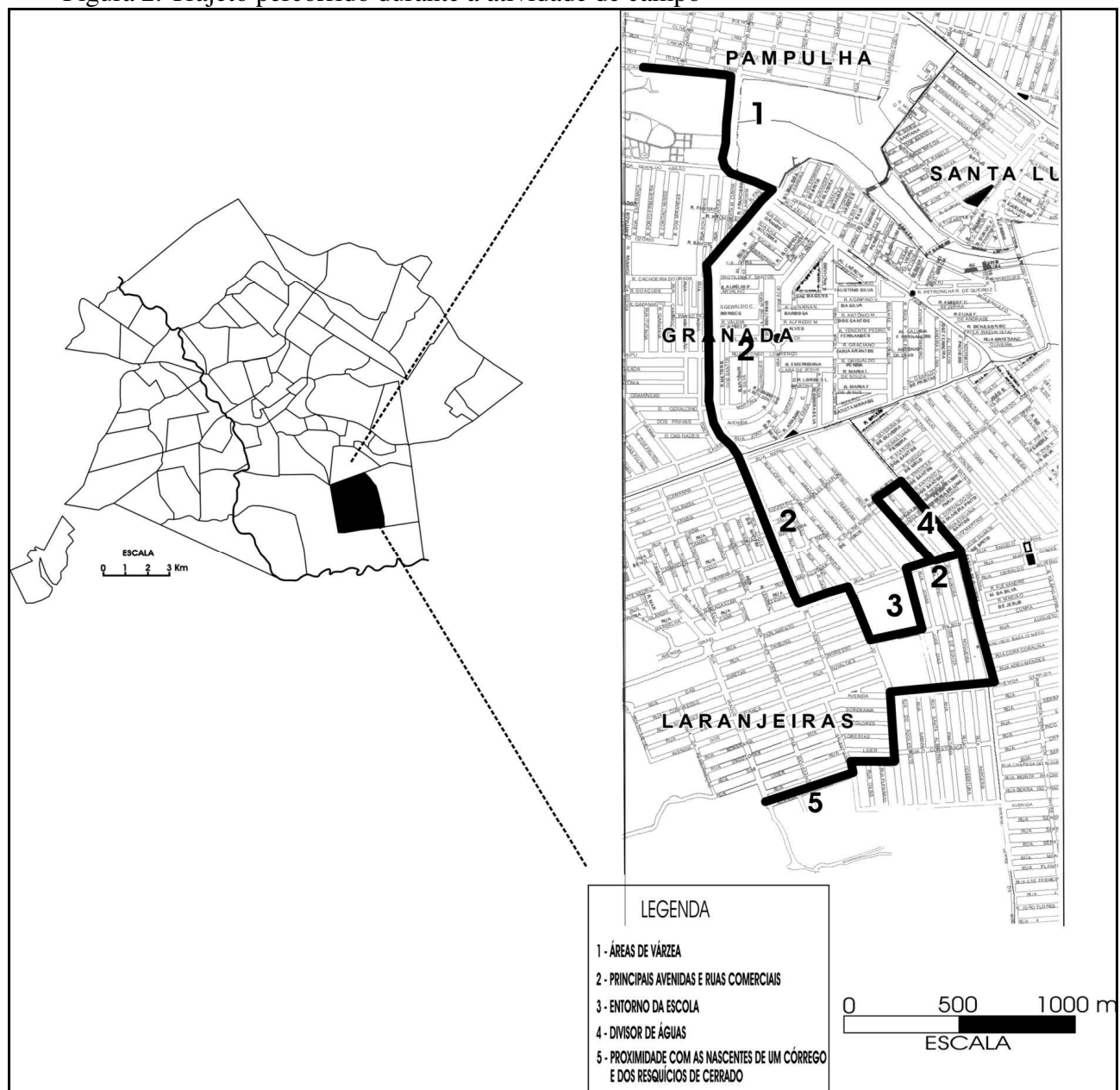
A constatação de que esse local era adequado ao desenvolvimento do trabalho se deu com base nas atividades relativas à preparação do campo que incluiu: uma visita prévia para o reconhecimento da área; a escolha dos pontos de parada para observações e registros e definição do trajeto a ser feito

pelo grupo. Também nessa fase pré-campo definiu-se os materiais e produziu-se os mapas que seriam utilizados durante a atividade.

A partir da definição do local elaborou-se um trajeto do percurso (figura 2) tendo como referência um mapa base da cidade, o qual foi utilizado pelos professores para registrar alguns pontos estratégicos para as observações como, por exemplo, veredas, áreas de várzea, principais ruas e avenidas comerciais do bairro, entorno da escola, ponto mais alto do bairro num divisor de águas, proximidade das nascentes de um córrego e dos resquícios do cerrado.

O trajeto se iniciou no bairro Pampulha, por se tratar de um ponto mais baixo do relevo, próximo a uma área de várzea e com a presença de uma vereda de buritizal os quais poderiam ser visualizados do ponto mais alto do bairro Laranjeiras. Dessa forma, pode-se explorar a partir da configuração topográfica do terreno, os conceitos de várzea, vertente, divisor de águas, rede de drenagem dentre outros relativos ao relevo local.

Figura 2. Trajeto percorrido durante a atividade de campo



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia. Adaptado para uso no curso “Cartografia para o ensino de geografia nas séries iniciais: práticas educativas” – IG-UFU-LEGEO e CEMEPE, maio de 2008. Adaptação: Antonio Marcos Machado de Oliveira e Sérgio Luiz Miranda .

Em seguida atravessou-se o bairro Granada até o bairro Laranjeiras onde foram percorridas a avenida Continental e a rua Ângelo Cunha onde destacou-se a forte concentração comercial com ênfase na circulação de pessoas e mercadorias. Chegando próximo à escola Sebastiana Pinto, procurou-se observar seus arredores enfatizando a presença dos serviços públicos associados às diversas atividades sociais como educação, saúde e segurança ali presentes, além de verificar a relação da escola com seu entorno destacando as atividades que surgiram próximas a ela.

Na escola houve uma reunião com o grupo onde foram distribuídos: o mapa do entorno da escola (figura 3) e o mapa básico de um trecho da Rua Ângelo Cunha (figura 4). Também, nesse momento sucedeu uma explicação sobre os procedimentos que seriam necessários para a consecução da etapa seguinte, prevista para o trabalho de campo, que se constituía num mapeamento temático do principal eixo comercial próximo a escola, localizado na referida Rua Ângelo Cunha.

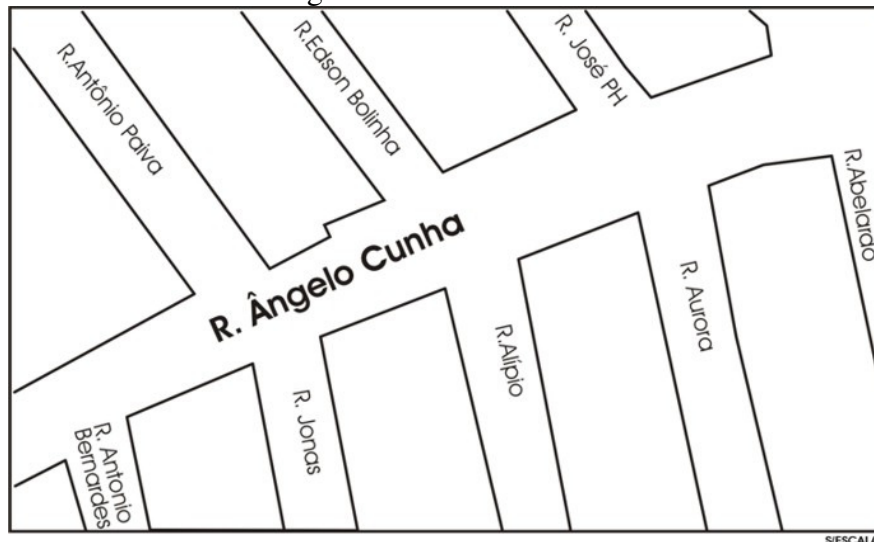
Já no local onde seria realizado o mapeamento, foram retomados alguns conceitos importantes relacionados aos atributos do mapa como o das escalas e, principalmente, da orientação, pois ao longo de toda a atividade, o grupo foi conduzido a posicionar corretamente o mapa em relação ao local em que se encontravam.

Figura 3. Entorno da escola Sebastiana Pinto



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia. Adaptado para uso no curso "Cartografia para o ensino de geografia nas séries iniciais: práticas educativas" – IG-UFU-LEGEO e CEMEPE, maio de 2008.
Adaptação: Sérgio Luiz Miranda, Tiago de Deus Silva e Antonio Marcos Machado de Oliveira

Figura 4. Trecho da Rua Ângelo Cunha



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia. Adaptado para uso no curso “Cartografia para o ensino de geografia nas séries iniciais: práticas educativas” – IG-UFU-LEGEIO e GEMEPE, maio de 2008.
Adaptação: Sérgio Luiz Miranda ,Tiago de Deus Silva , Antonio Marcos Machado de Oliveira E Laura Reis

Ao final dessa etapa caminhou-se para o ponto mais alto do relevo, no bairro Laranjeiras, para que o grupo pudesse visualizar a topografia do lugar e, daí então: compreender como se estabelece o arranjo da rede de drenagem local; retomar alguns conceitos como o de altitude, divisor de águas, vertentes e vales; proporcionar discussões sobre os problemas sócio-ambientais relacionados ao depósito de lixo ao longo das vertentes e aqueles relativos às enchentes.

Esse ponto, relativo a um divisor de águas, estava situado próximo a um grande terreno desocupado sem construções, que possibilitava uma ampla visualização e que, portanto, proporcionava observar o fundo de um vale, a ocupação urbana das vertentes e, ainda, os topos mais elevados da vertente oposta que se constituem nas maiores altitudes da área urbana.

Daqui, seguiu-se para a parte mais baixa do bairro, percorrendo-se de ônibus toda a vertente até o ponto próximo às nascentes. Nesta última etapa do trabalho de campo que ocorreu numa área limítrofe entre a cidade e o campo, distribui-se para os integrantes do grupo um mapa do bairro Laranjeiras e das nascentes do córrego Campo Alegre (figura 5).

Nesse local, mais uma vez pode-se observar a topografia e a configuração da rede de drenagem, aprofundando-se um pouco mais no conceito de bacias hidrográficas. Contudo, as maiores discussões giraram em torno dos problemas sócio-ambientais ali verificados, principalmente, em decorrência das alterações do espaço físico promovidas pela expansão da área urbana.

Os problemas mais visíveis foram aqueles relacionados ao inadequado uso dos recursos naturais, denotando no aparecimento de sulcos erosivos e voçorocas causadas pelos desmatamentos da mata ciliar e do cerrado, bem como a destruição das nascentes e o assoreamento dos rios provocados pelo depósito de lixo e entulhos nos seus arredores. Também houve destaque para a utilização dos terrenos baldios, que apareceram em grande número ao longo do trajeto. A respeito deles destacou-se, principalmente, a sua inadequada função de depósito de lixo que redundava em mau cheiro e no aparecimento de animais vetores.

Além disso, destacou-se a morfologia do relevo presente no bairro que com suas longas vertentes favorecem um volumoso escoamento pluvial, redundando no arraste de uma grande quantidade de sedimentos e lixo em direção às nascentes, contribuindo também, para o seu assoreamento.

Essas discussões foram enriquecidas, durante todo o trabalho de campo, pela constante intervenção das professoras que moram e/ ou trabalham no bairro Laranjeiras, pois as mesmas trazem consigo uma enorme bagagem da experiência vivida no local.

Atividades pós-campo

Como o trabalho de campo estava inserido num curso de extensão, o módulo presencial subsequente serviu para o desenvolvimento das atividades pós-campo que consistia em elaboração do mapa temático do eixo comercial da Rua Ângelo Cunha do bairro Laranjeiras, confecção de

croquis do perfil do relevo e da rede de drenagem a partir de fotografias horizontais, além de uma análise temporal do cenário local com o apoio de fotografias aéreas dos aerolevantamentos de 1998 e 2004.

O mapa temático

O mapa temático (figura 6) foi elaborado a partir dos dados recolhidos em campo. Os registros dos estabelecimentos plotados nos mapas foram agrupados e organizados em dois grupos, comércio e serviços, respectivamente. Para cada grupo estabeleceu-se uma cor e cada estabelecimento foi enumerado segundo sua localização, sendo que o critério foi organizá-los em ordem crescente seguindo da esquerda para a direita de baixo para cima conforme verificado no mapa.

Mediante a elaboração desse mapa salientou-se novamente mais um dos atributos do mapa, que se refere à simbologia gráfica, ou seja, os símbolos utilizados para representar graficamente os objetos do espaço (concreto e abstrato). Além disso, destacou-se a importância e as possibilidades da cartografia temática como apoio ao estudo do espaço local.

Figura 5. Bairro Laranjeiras e das nascentes do córrego Campo Alegre



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia. Adaptado para uso no curso "Cartografia para o ensino de geografia nas séries iniciais: práticas educativas" – IG-UFU-LEGEO e CEMEPE, maio de 2008. Adaptação: Sérgio Luiz Miranda e Laura Reis.

Figura 6. Eixo comercial – Rua Ângelo Cunha



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia. Adaptado para uso no curso “Cartografia para o ensino de geografia nas séries iniciais: práticas educativas” – IG-UFU-LE GEO e CEMEPE. Dados sobre serviços e comércio: pesquisa direta em trabalho de campo pelos professores participantes do curso em 05 de maio de 2008.
Elaboração do mapa final: Antonio Marcos Machado de Oliveira e Sérgio Luiz Miranda (coord.s), Laura Reis e Tiago de Deus Silva (estagiários).

Croquis

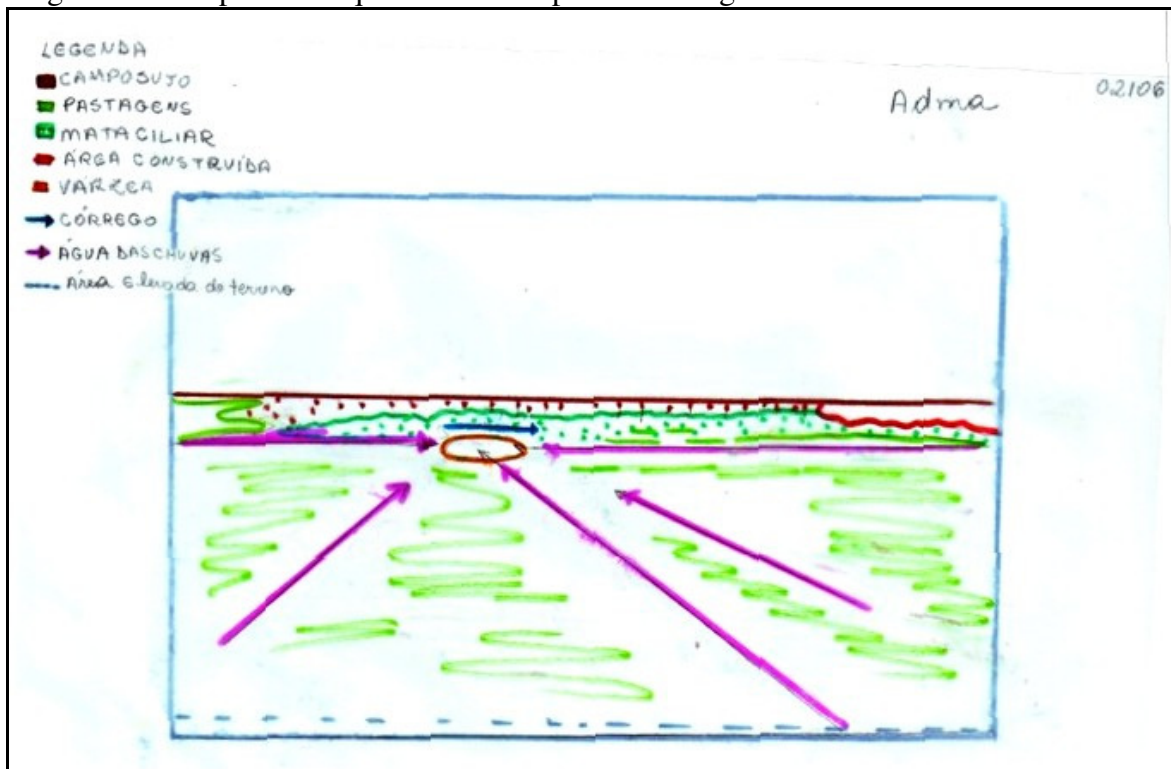
Esses croquis foram elaborados a partir das fotografias horizontais(figura 7) tomadas no local. Usando-se papel vegetal e lápis de cor traçaram-se os perfis, delimitou-se os principais tipos de uso da terra, identificou-se o córrego e em seguida construiu-se uma legenda como pode ser visto no exemplo da figura 8.

Figura 7. Fotografia horizontal das nascentes do córrego Campo Alegre



Sérgio Luiz Miranda

Figura 8. Exemplo de croqui elaborado a partir da fotografia horizontal



Elaborado por Adma Lúcia Neves Aguiar, 02/06/2008. Para uso no curso "Cartografia para o ensino de geografia nas séries iniciais: práticas educativas" – IG-UFU-LEGEO e CEMEPE.

Análise temporal

Para se fazer a análise temporal do local, utilizou-se de duas fotografias aéreas dos aerolevantamentos de 1998 e 2004 (figuras 9 e 10), respectivamente. Procedeu-se a uma análise visual com respectivos comentários e discussões acerca das mudanças ocorridas nos dois cenários.

Como pode ser visto nas fotos abaixo, as áreas demarcadas são exemplos de modificações ocorridas na área. Os vazios verificados em 1998 cederam lugar para as construções em 2004 e o mesmo cenário observado diretamente no campo em 2008 se encontra totalmente ocupado. Devido a esse constante dinamismo, procurou-se, nessa atividade, salientiar a importância das fotografias aéreas para a análise do processo histórico da organização e reorganização espacial.

Figura 9. Fotografia aérea – Entorno da escola Sebastiana Pinto, 1998



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia. Escala original 1:8000

Figura 10. Fotografia aérea – Entorno da escola Sebastiana Pinto, 1998



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia. Escala original 1:8000

4. Considerações finais

Com base nessa experiência apresentada pode-se considerar que o trabalho de campo foi desenvolvido com sucesso, pois atendeu às expectativas dos ministrantes e, principalmente, dos participantes que manifestaram suas aprovações por meio de comentários e de tomadas de atitude durante e após a atividade.

Em geral, para os professores com formação em pedagogia, não é uma tarefa fácil trabalhar com os conceitos geográficos. Assim procurou-se retomar e discutir tais conceitos no campo com um enfoque integrador entre os aspectos sociais e naturais, destacando-se, por exemplo: os arranjos espaciais observados no bairro como os eixos comerciais existentes e em formação e a concentração dos serviços públicos na quadra da escola; a ocupação urbana das vertentes; o arraste do lixo para as nascentes do córrego, dentre outros.

O trabalho de campo permitiu um desdobramento em outras atividades pedagógicas que podem ser desenvolvidas em sala de aula ou em outras situações de campo como os mapas temáticos, os croquis e as análises temporais. Além disso, também serviu como motivador para os professores participantes do curso no processo de produção de atividades de ensino como por exemplo: estudo do entorno da escola a partir de uma caminhada ao seu redor, com posterior confecção do desenho do mesmo; uso dos mapas dos bairros e do entorno da escola para a identificação de ruas, para a localização e traçado do trajeto casa-escola; trabalho de campo com os alunos seguindo um trajeto da escola até as nascentes de um córrego, dentre outras.

Assim, é pertinente dizer que o trabalho de campo possui um caráter potencializador das informações geográficas, e que, se bem planejado, pode contribuir, como prática pedagógica, para a ampliação dos conhecimentos geográficos do local, pois permite a observação e o contato direto com os dados da realidade, os quais podem ser explorados de modo a possibilitar também uma melhor compreensão da importância das linguagens gráficas, cartográficas e fotográficas nas aulas de Geografia, quando as mesmas são empregadas de modo adequado para as finalidades do ensino.

Referência bibliográficas

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: recortes espaciais para a análise. In: Geografia em sala de aula: práticas e reflexões/ orgs. Antonio Carlos Castrogiovanni, Neiva Otero Schafer, Nestor André Kaercher – 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros- Seção Porto Alegre, 2003. p.199.

ALENTEJANO, Paulo R.R. e Rocha-Leão, Otávio M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n.84, p.51-67, 2006.

TOMITA, Luzia m. Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. Geografia. Londrina, v.8, n.1, p.13-15, jan./jun. 1999.